



FARBE BEKENNEN: HISTÓRIA, NARRATIVAS E MEMÓRIA SOCIAL DO MOVIMENTO AFROALEMÃO

FARBE BEKENNEN: HISTORIA, NARRATIVAS Y MEMORIA SOCIAL DEL MOVIMIENTO AFROALEMÁN

FARBE BEKENNEN: HISTORY, NARRATIVES AND SOCIAL MEMORY OF THE AFRO-GERMAN MOVEMENT

Cleydia Regina Esteves¹

Resumo:

Este artigo busca, de forma sucinta e preliminar, evocar o movimento afroalemão e parte de sua história no âmbito da sociedade alemã, tendo em vista sua luta por reconhecimento, visibilidade e direitos que foram historicamente negados. Para tanto fazemos menção ao livro clássico *Farbe Bekennen*, *Afro-deutsche Frauen auf den Spuren ihrer Geschichte* que narra a história de diferentes mulheres que fizeram parte desse processo. Deste modo, a partir do prefácio e das palavras de Audre Lorde que lhe seguem, fazemos uma interpretação da conjuntura histórica e cultural que os testemunhos nele contidos trazem à tona. É uma obra de fundamental importância para quem deseja conhecer uma outra face da Alemanha contemporânea.

Palavras-chave: Literatura Alemã; Pensamento Afrodiaspórico; Autoria Negra; Interculturalidade.

¹ Doutoranda em Linguística Aplicada, PIPGLA/UFRJ, ORCID <https://orcid.org/0000-0003-1411-0983>, e-mail: cleydia@letras.ufrj.br

Abstract:

This article seeks, in a succinct and preliminary way, to evoke the Afro-German movement and part of its history within German society, in view of its struggle for recognition, visibility and rights that have been historically denied. To this end we make mention of the classic book *Farbe Bekennen*, *Afro-deutsche Frauen auf den Spuren ihrer Geschichte* which tells the story of different women who were part of this process. Thus, from the preface and Audre Lorde's words that follow it, we make an interpretation of the historical and cultural conjuncture that the testimonies contained therein bring to light. It is a work of fundamental importance for those who wish to know another face of contemporary Germany.

Keywords: German Literature; Afrodiasporic Thought; Black Authorship; Interculturalism

Resumen:

Este artículo pretende, de forma sucinta y preliminar, evocar el movimiento afroalemán y parte de su historia dentro de la sociedad alemana, en vista de su lucha por el reconocimiento, la visibilidad y unos derechos que le han sido negados históricamente. Para ello, mencionamos el libro clásico *Farbe Bekennen*, *Afro-deutsche Frauen auf den Spuren ihrer Geschichte*, que narra la historia de diferentes mujeres que formaron parte de este proceso. De este modo, partiendo del prefacio y de las palabras de Audre Lorde que lo siguen, hacemos una interpretación de la coyuntura histórica y cultural que los testimonios contenidos en él sacan a la luz. Es una obra de importancia fundamental para quienes deseen conocer otra cara de la Alemania contemporánea.

Palabras clave: Literatura alemana; Pensamiento afrodiaspórico; Autoría negra; Interculturalismo.

Introdução

Na contemporaneidade vivemos em sociedades que são constantemente tensionadas por novas formas de ser e estar no mundo, onde as escalas da vida cotidiana são mediadas por impulsos globais que impactam as condições locais de reprodução social (MILTON SANTOS, 1996). Como consequência dessa ingerência, parâmetros que outrora eram estáveis, perenes e localizados, atualmente passam por questionamentos que subvertem a ordem social. Os códigos normativos de conduta, as formas das práticas culturais, as ideias de identidade, pertencimento e experiência compartilhada (BLOMMAERT E DE FINA, 2017) estão mudando sob o influxo de novas percepções, novos comportamentos, novas definições e os conflitos ou/e adesões a essas novas experiências de vida, que talvez não sejam tão novas assim, mas se revestem de outra configuração ou se manifestam de maneira distinta (MOITA LOPES, 2021). Esta configuração social, pode sob um olhar mais atento, erigir formas espaçotemporais específicas de existência, tal qual aquelas nomeadas por Bakhtin como cronotopos: "Vamos dar o nome cronótopos [literalmente 'timespace'], à conexão intrínseca de relações temporais e espaciais que são esteticamente expressas na literatura". (M. BAKHTIN, 1981, p. 84-85).

A apreensão dessa compressão espaçotemporal em obras artísticas, em fenômenos sociais, em estilos de vida, comportamento individuais e atos oficiais, pode ser realizada a partir de certas mediações descritivas e analíticas; que sem pretender determinar a sua essência, deve explicar essa diferenciação. O lugar da memória tem aqui um relevo importante, porque condensa em atos de lembrança ou esquecimento, símbolos, vivências, lugares, artefatos que assim são celebrados ou apagados dos atos coletivos e individuais de rememoração (HANCHARD, 2008).

Assim o estudo das narrativas, dos usos das linguagens e dos textos podem revelar injunções espaçotemporais performativas, lugar de enunciação e produção de agência, de sentido, de resistência, de questionamento, enfim de possibilidades de ressignificação (MOITA LOPES E FALLABELA, 2019).

Deste modo, certos operadores sociais de identidade, pertencimento e reconhecimento como o estado, a nação, o grupo social, o lugar e ainda a classe, o gênero, a raça, entre outros marcadores sociais e seus atravessamentos ou interseccionalidades, surgem nessas configurações espaçotemporais no momento em que esses relatos de vida, experiências vividas e memórias são evidenciadas em performatividades narrativas. "Portanto, a narrativa é 'um ato de fala performativo que funciona para realizar [ou levar a efeito] o que articula'." (MOITA LOPES, 2021 apud TREADGOLD, 2005, p. 277).

Cronotopias Alemãs

A história dos *Afrodeutsche*², isto é, a história dos negros na Alemanha e dos alemães negros, ao contrário do que a narrativa hegemônica afirma, não começou com o Imperialismo Europeu/Colonialismo Alemão no século XIX, não começou com a Primeira Guerra Mundial e os soldados africanos do exército francês, não começou com a Segunda Guerra Mundial e os soldados negros norte-americanos. A presença de pessoas negras no território que atualmente se denomina Alemanha está documentada desde, pelo menos, a Idade Média (AYIM, OGUNTOYE e SCHULTZ, 2020). Essa história e essa presença que marcaram caminhos que transcendem fronteiras geográficas, temporais, étnicas, nacionais e institucionais, é invisibilizada pelas mais diferentes instâncias da sociedade alemã, a ponto de a afirmação da agência desses sujeitos, na articulação entre seus eus políticos e ideológicos ter sido fruto de um movimento intencional, embora descontínuo, para que seu reconhecimento como cidadãos de plenos direitos fosse legitimado pelo Estado alemão. A “história oficial” narrada na Alemanha sempre buscou relacionar a existência dos negros em sua sociedade, a partir daqueles acontecimentos históricos recentes e posteriores à constituição da sociedade alemã como uma “comunidade imaginada” (ANDERSON, 2008). O colonialismo alemão é um assunto “tabu” nesse contexto e como tal, muito pouco mencionado ou mesmo estudado pelos acadêmicos e nas escolas. O aniquilamento de povos e culturas africanas nos espaços dominados pelos alemães na África é subsumido pela “brevidade” institucional de sua existência no inconsciente coletivo alemão. A respeito da “Questão Colonial” na Alemanha cabe a seguinte observação:

Somente a partir de meados dos anos 1990 é que os estudos pós-coloniais encontraram terreno nas discussões da Germanística dos países de língua alemã. A origem desse atraso reside no fato de que, durante muito tempo, a importância do colonialismo foi negligenciada em toda a Alemanha. Em razão disso, as perspectivas pós-coloniais podem conectar-se aos trabalhos preliminares de outras críticas ao cânone, em especial às feministas, que transformaram o próprio conceito de cânone: o processo de canonização não é mais visto como um desenvolvimento relativamente orgânico – no qual textos relevantes são colecionados por seu valor estético e pedagógico –, mas sim como uma abordagem interpretativa da tradição. (GEIER, 2019, n.p.)

Observa-se que o Movimento Afroalemão foi protagonizado, em sua maioria, por mulheres negras (em sua segunda e decisiva geração³) e construído de maneira

2 Há uma questão interessante quanto à própria nomeação de grupo que se adota. Ela varia segundo o período histórico, o avanço analítico do processo de autorreconhecimento e agregação de outras lutas e outras escalas de atuação. Assim temos Afro-deutsche, Schwarze Deutsche, Schwarze Community, BPoC ou FLINTA, acrônimos para Black Person of Color e Frauen, Lesben, Intersexuelle Menschen, Nicht-binär, Transgender, Agender.

3 Durante o século XX podemos notar entre três ou quatro gerações, sendo que a segunda geração, nascida no pós-guerra foi a deflagradora de todo movimento organizado.

informada, intelectual, cultural, propositiva no meio acadêmico e urbano no final dos anos 80 do século XX, na cidade de Berlim. Suas referências foram o pensamento feminismo negro, oriundo sobretudo dos EUA, incluindo aí as obras de Audre Lorde, Angela Davis (essas duas com estadias no país, sendo a primeira na Alemanha Ocidental e outra, na Alemanha Oriental), Tony Morrison, Franz Fanon e Du Bois e o arcabouço teórico-metodológico da interseccionalidade de Kimberlé Crenshaw e bell hooks, entre outros. Essas mulheres constituíram seus percursos utilizando poesia, literatura, artes visuais, História, entre outros campos das Humanidades, como forma de resistência em contextos de preconceitos raciais, disputas de narrativas e afirmação de suas existências e corporeidade no conjunto da sociedade alemã.

Naquele período, o debate sobre *Leitkultur* e *Multikulturalismus*⁴ (OHLERT, 2014) pautou as discussões sobre Identidade, Pertencimento, Nação, Integração e Diferença nos meios intelectuais e políticos, nas mídias sociais e culturais alemães. O Movimento Afroalemão cresceu no bojo deste debate, trazendo para o protagonismo de suas ações, mulheres negras alemãs que, por meio das artes, da academia e da intervenção na esfera pública, ressaltaram a afirmação da agência desses sujeitos, na articulação de seus eus políticos e estéticos.

Nascidas na Alemanha do pós-segunda guerra mundial ou tendo imigrado com seus pais, especialmente a partir da terceira geração (geralmente um progenitor sendo da diáspora e outro, alemão residente), puderam experimentar em suas vidas as tensões existenciais entre ciência e ideologia, entre ética e etnia, entre amor e não amor, entre branco e negro, entre homem e mulher ou questões vinculadas à orientação sexual, uma vez que há uma grande presença de mulheres lésbicas nesses movimentos.

Seus trabalhos engendrados no processo de construção de sua *Selbstbewusstsein*⁵, são frutos da negação da negação, da invenção da existência enquanto resistência do apagamento do seu ser como alemãs negras. À rejeição materna e a impossibilidade de ficarem com seus pais biológicos (mães alemãs, na maioria das vezes, essa segunda geração foi educada em orfanatos ou famílias brancas adotantes), à rejeição social, à rejeição epistêmica de suas vozes na academia, elas responderam com suas ações atravessadoras. Elas mexeram com os limites, tensionaram seus contornos estabelecidos, cruzaram fronteiras de raça, de gênero e de linguagem. Seus corpos eram o traço marcante deste não-lugar na sociedade alemã.

Criando novas palavras (decupando seus significados), quebrando o ritmo da prosódia, confrontando o aceito, elas reivindicavam sua existência não normativa. Elas cruzaram fronteiras étnicas, nacionais, identitárias para celebrar a fluidez das suas corporeidades em um campo de tensão semiótico.

À desrealização que o outro (a sociedade alemã) fazia de suas existências, negando suas histórias, tentando abafar suas vozes, anulando suas diferenças pela absolutização do “igual”, retirando-as do con(texto) alemão, elas responderam com a afirmação da

⁴ Cultura dominante e Multiculturalismo.

⁵ Autoconfiança

diversidade, com o questionamento do adquirido, com poesia, enfim, na Land der Denker und Dichter (“no país/na terra dos poetas e pensadores”).

Foi então nesse contexto que a socióloga Dagmar Schultz convidou Audre Lorde para fazer algumas palestras na Universidade de Berlim em 1982. Entre cursos, encontros e reuniões foi se fortalecendo um grupo de mulheres negras em torno da feminista norte-americana.

O encontro da “artevista” (gostaríamos de assim designar essas mulheres) Audre Lorde com mulheres negras alemãs e aquelas oriundas da diáspora africana na Alemanha resultou em um rico legado de construção de um movimento de resistência pela igualdade racial e de gênero⁶. À construção do pensamento crítico dentro da academia, correspondeu uma consistente intervenção artística polissêmica (fluida, contingente, relacional, plural e interventiva) que possibilitou uma nova configuração de atuação social e política na esfera pública. Suas obras corporificam-se em textos, sons, atos, artefatos conjugados em entextualizações que transpassam fronteiras criativas, linguagens, campos semânticos e estéticos. Elas reivindicam, neste sentido, uma amálgama entre episteme e ontologia oriundas da transculturalidade; colocando desafios à interdisciplinaridade, que é justamente compreender esta multifacetada combinação de elementos representativos e estéticos. Esses atos performativos permitem um “apagamento de fronteiras” entre os campos artísticos e entre arte, política e tecnologia. Essas articulações de trato e de sentidos, implodem as designações do que é arte, do que é ser artista e ativista política.

A conquista dessas mulheres se dá não somente pelos “territórios simbólicos” dentro da sociedade alemã, mas efetivamente pelo espaço civil e político que legitima o Estado no país. A constituição dos movimentos negros na Alemanha e no Brasil guarda semelhanças históricas, teóricas e processuais que convidam à sua análise, a fim de detectar os pontos de aproximação e afastamento desses percursos, enquanto jornada histórica de grupos subalternizados nas sociedades em que atuam.

Farbe Bekennen e as Performatividades Narrativas

O livro intitulado “Farbe Bekennen, Afro-deutsche Frauen auf den Spuren ihrer Geschichte”⁷ é um marco do Movimento Afroalemão e da luta contra o racismo na Alemanha. É uma obra fruto de dois anos de pesquisas, encontros e cursos que foram

6 Não fica claro nos relatos e na informação que coligimos até agora, qual pertencimento de classe se inserem. Supomos que são de classe média, pelo acesso à Universidade e a outros marcadores de renda.

7 Farbe Bekennen é uma expressão idiomática do alemão, que em tradução simples, poderia ser “mostre sua (cor) cara”. Então o título seria em português: Mostre sua cara. Mulheres afroalemãs no rastro de sua história. A respeito do uso do idioma alemão por elas, falaremos mais adiante.

realizados no âmbito da visita acadêmica da feminista, poeta e intelectual Audre Lorde à Universidade de Berlim em 1982, a convite da socióloga Dagmar Schultz.

Esse encontro, entre as então negras alemãs universitárias e a importante pensadora negra norte-americana foi um ato transformador da vida daquelas mulheres. Ele veio no rastro de uma série de movimentos sociais nos EUA (movimento pelos direitos civis e contra o racismo), na Europa (maio de 68 na França), e na África (as lutas por independência dos países africanos) que transformaram as lutas sociais em grande parte do mundo.

O livro é uma obra multifacetada que conjuga História, narrativas pessoais, poesia, entrevistas, imagens (fotografias pessoais e históricas) em um caleidoscópio espaçotemporal transescalar. Ele entextualiza diferentes relatos de vida em um notável contraste com a “história oficial alemã”. O livro como artefato, como um testemunho é todo concebido para trazer ao público, notadamente alemão, uma outra memória social: aquela dos negros na Alemanha e dos alemães negros e negras que foram por séculos invisibilizados pela sociedade e o estado alemães. A capa (que traz uma foto de parte das autoras, fazendo elo semiótico com o título e evidenciando a diversidade numa Alemanha que se crê racialmente homogênea), a editora (de um grupo de feministas alemãs⁸), a organização dos textos (que tem uma estrutura menos tradicional, mais próxima da memória pessoal), e desses com as ilustrações (como se fosse um álbum de família, uma revista), a língua alemã e o seu uso (algo como o “Black German”⁹) e especialmente os prefácios tentam dar conta de uma realidade repetidamente negada: a existência em solo alemão (e essa expressão não é aleatória) de pessoas negras, nascidas nesse lugar, ou como diria Haesbaert, nesse “território-corpo” que se nega a (in)corporá-los naquilo que Benedict Anderson chama de “sociedade imaginada”.

Como é uma obra de trezentas páginas, densamente compostas, que requer diferentes leituras, de acordo com os diferentes signos que aporta, se coloca como um desafio imenso de interpretação/tradução¹⁰. Vemos essa obra como um nó que articula vários espaçotempos (cronotopos), por meio de narrativas pessoais imbricadas em memórias sociais de um determinado grupo na sociedade alemã. Tecido a partir de diversos pontos de origem, o texto vai entrelaçando esses relatos numa rede de mútua compreensão, pertencimento e identificação, para pôr fim agrega-los em um mosaico multifacetado, porém coeso, de histórias de vida.

Pela complexidade então descrita, optamos apenas pela análise dos prefácios das três edições lançadas, sendo que somente a primeira será objeto de apresentação explícita aqui. Esta, lançada em 1986 que além do prefácio, traz uma curta, porém profunda contribuição de Audre Lorde, a segunda em 2006, após 20 anos da primeira edição e a última, em 2020, quase 15 anos após a primeira reedição. Há uma tradução para o inglês e o lançamento do livro nos EUA em 1990. Nesta edição Audre Lorde faz um prefácio bem

⁸ O Movimento Afroalemão introduz uma brecha no feminismo branco alemão, na medida em que o questiona sobre o racismo estrutural e epistêmico existente naquele país.

⁹ À semelhança do Black English, um uso apropriado culturalmente, em uma disputa semântica de sentidos.

¹⁰ Acabamos por ensaiar a tradução do alemão para o português dos prefácios das três edições. Algo inédito para nós, o que nos dá alguma satisfação e preocupação quanto ao resultado.

mais longo, analisando o contexto da época (tanto na Alemanha quanto internacional) e tocando mais profundamente na questão das relações raciais no país¹¹. Essas datas, além de evocarem momentos estancos de publicação do livro, trazem necessárias reflexões acerca daquilo que ele relata, das pessoas envolvidas em sua criação, da conjuntura histórica passada e instauram um continuum do ato de enunciação. Assim sendo foram criadas várias associações de representação dos alemães negros pelo país, encontros para discussão de seus interesses enquanto grupo social e de rememoração, lutas específicas de reivindicação junto ao estado alemão, entre outras atividades civis e cunho político. De outra forma dito, o livro assim como o Movimento Afroalemão tem desdobramentos sociais que vão impactar e influenciar a visibilidade deste grupo no conjunto da sociedade alemã e ao mesmo tempo, porque são co-constituintes, vão fortalecer a agência das suas protagonistas no espaço público alemão.

Prefácios, Reportabilidade e Elos Indexais

Agora vamos nos dedicar mais especificamente ao prefácio escrito para a primeira edição do livro *Farbe Bekennen*. Nomeado¹² “prefácio das editoras”, é assinado por Katharina Ogontoye, Maya Opitz¹³ e Dagmar Schultz¹⁴; tem como lugar Berlim e o ano de 1986. Ele é imediatamente acompanhado pela contribuição de Audre Lorde. O texto é aberto com as seguintes palavras:

Quase todas nós, mulheres afro-alemãs entre 20 e 30 anos, estávamos acostumadas a lidar sozinhas com nossas origens e identidade - praticamente nenhuma de nós tinha tido antes, contato intensivo com outros afro-alemães. Quando confrontamos amigos e conhecidos com nossos pensamentos e problemas, sempre tememos perder alguém ou ser consideradas "muito sensíveis". O encontro e o engajamento conjunto como afro-alemãs foram uma experiência completamente diferente. O que nós cinco tínhamos em comum era nossa diferente socialização; de resto éramos muito diferentes: através de nossas vidas em Berlim, na RDA e na Alemanha Ocidental, nossas experiências na família e no trabalho, como mulheres lésbicas ou heterossexuais, e em nossas conexões com a parte africana ou afro-americana de nossas origens. A simpatia espontânea facilitou o nosso engajamento num processo comum além destas situações de vida muito diferentes:- trocar nossas experiências subjetivas e pensar mais em conjunto, abordar outros afro-alemães e incluí-los neste processo, ir em busca de nossa história e finalmente - o que está acontecendo com este livro - ir a público. (2020, p.19)

¹¹ É impressionante lê-lo passados mais de 30 anos depois. Sua atualidade, perspicácia na observação de uma Alemanha recém reunida é certa, quanto aos desdobramentos deste fato para a Europa e as relações internacionais. Sem dúvida merece uma atenta análise em outro trabalho.

¹² Por questões de espaço, não anexaremos o texto original em alemão, assim como da contribuição de Audre Lorde.

¹³ Nas edições posteriores, escrito Maya Ayim.

¹⁴ A única mulher branca do grupo de editoras.

Em que pese a longa citação, necessária para o que pretendemos afirmar, vemos nessa introdução o posicionamento claro de quem elas são, de onde vem e o que pretendem: jovens mulheres negras alemãs, de diferentes lugares da Alemanha (então dividida) lésbicas ou heterossexuais, estudantes e trabalhadoras que buscavam formar um grupo de pertencimento e identificação, a partir do qual pudessem contar a sua história, para si e para os outros. A negritude era o fator de união.

Nos apoiando em Hanchard, podemos perceber que:

"We might consider and conceptualize black memory as horizontally constituted, with its archaeological deposits strewn across several time zones and territories. State memory (like most forms of state expression), on the other hand, is vertically constituted. National-state memory and black memory are not co-terminus. Black memory, as I will suggest below, is often at odds with state memory." (HANCHARD, 2008, p. 46)

Seguindo com o texto, elas evocam o passado pelo testemunho (memória) das gerações anteriores: mulheres mais velhas que aceitaram participar do livro, por meio de seus relatos de vida.

Com este livro, queremos revelar a articulação entre o contexto social do racismo e nossas experiências pessoais. Durante nossas pesquisas conhecemos mulheres afro-alemãs que haviam vivido na Alemanha durante o Império, a República de Weimar e durante o Nacional-socialismo. Algumas delas se prontificaram imediatamente a nos encontrar e contar suas vidas. É difícil hoje - dois anos depois - descrever a emoção e excitação que sentimos nestas reuniões: De repente, descobrimos que nossa história não começou depois de 1945. Diante de nossos olhos estava nosso passado, que está intimamente ligado à história colonial e nacional-socialista alemã. (2020, p.19)

Neste breve trecho há uma condensação e presentificação do passado, na pessoa das mais velhas. Eles corporificam o tempo e a História. São testemunhos que garantem e transmitem a continuidade da existência de um grupo social. Eles são a "prova" de que a memória estatal alemã oculta parte da história alemã. São as resistentes, as sobreviventes do período mais sombrio da história da Alemanha e de resto da Europa. Como disse Hobsbawn (1994), não é possível compreender o século XX, sem entender a Alemanha neste período da história ocidental.

Neste processo elas estão reconstruindo a sua história e jogando luz sobre o apagamento que a sociedade alemã tem feito, a respeito dos grupos minoritários que fazem parte dela, ao tentar perpetuar uma fantasia de origem ligada à ideia de pureza racial, mitos de formação nacional e unidade cultural onde a língua alemã é fundamental. Deste modo, a auto nomeação e

O termo "afro-alemão" não pode e não deve ser usado para definir as pessoas de acordo com sua origem ou cor de pele, como sabemos muito bem, o que significa sofrer com a exclusão. Em vez disso, queremos usar o termo "Afro-alemão" para contrastar a termos tradicionais como

"Mischling" (Mestiço), "Mulatte" (mulata) ou "Farbige" (de cor), como uma tentativa de nos definir em vez de sermos definidas. (2020, p. 20)

Em seguida, a única mulher branca alemã do grupo escreve sobre a sua participação na elaboração do livro como uma abertura ao outro (alteridade) da sociedade alemã. Compara essa experiência com a pregressa nos EUA nas décadas anteriores. Percebe o fechamento dos alemães em tratar e abordar o racismo¹⁵ e rememora, por sua vez, da infância na escola e juventude na Universidade, onde os colegas negros eram invisibilizados. Ela comenta sobre o processo de mudança interior que este convívio lhe proporcionou, além da relativização do afastamento que mantinha do próprio país. As últimas palavras do prefácio, abordam o objetivo inicial e como ele foi modificado pelo próprio processo de criação, o que resultou em um ganho pessoal para cada participante e um passo importante para o grupo com um todo.

A intenção inicial de publicar um livro de palestras, textos e poemas do grupo de jovens mulheres que se reuniram no verão de 1984, logo se expandiu para a ideia de permitir que tanto quanto possível, diferentes gerações pudessem se pronunciar. A decisão de May Opitz de fazer dos afro-alemães e sua história o tema de seu trabalho final de graduação, nos permitiu dar aos diversos textos uma estrutura e o histórico necessário. Uma grande parte do nosso trabalho de equipe consistiu em incentivar os autores a escrever e discutir seus textos entre eles. Alguns acharam mais fácil revelar suas experiências em conversas, que depois transformamos em formato narrativo. (A pedido de alguns autores, foram utilizados pseudônimos). Tanto mulheres afro-alemãs como mulheres brancas, percebemos o trabalho com o grupo de autoras e com o editor como um processo construtivo, que se tornou, uma e outra vez, uma jornada de descoberta. (2020, p.22)

As palavras de Audre Lorde a seguir ao prefácio, são um chamamento, uma tomada de posição, como não poderia deixar de ser vindas de uma ativista com o histórico e o compromisso intelectual e político que ela exibia. Audre Lorde é mais visceral, toca na ferida narcísica da sociedade alemã (SULLIVAN, 2007), expõe seus maus feitos, chama ao debate, clama por mudança.

Todas as mulheres que falam neste livro com suas experiências pessoais, todas tiveram infâncias invisíveis e violentas. Elas eram consideradas alemães marcadas ou imperfeitas: cada uma dessas mulheres afro-alemãs tinha de encontrar seu próprio caminho para a autodeterminação e superação, explorando de perto a dupla consciência de sua herança ambivalente como africana e como alemã. E porque este caminho leva à pertença racial, cultural e nacional, ele é minado com questões emocionais de lealdade e rejeição, patriotismo e racismo. O caminho do autoconhecimento para o empoderamento, significa usar a

15 May Ayim teve seu trabalho de final de curso rejeitado porque segundo o professor responsável, a questão da raça (Rasse) na Alemanha, tinha sido resolvida na segunda guerra mundial. No livro "O Declínio dos Mandarins Alemães" de Fritz K. Ringer, temos uma excelente análise de como o meio acadêmico alemão se formou de maneira hierárquica, muito elitista e ideologicamente conservadora, especialmente entre os séculos XIX e XX.

complexidade e a coragem contra uma maré de intolerância e ódio dirigida aqueles que são diferentes.

(.....)

Suas palavras documentam sua recusa em afastar o desespero apenas com invisibilidade ou silêncio. Enquanto não articularmos nossa opressão, não poderemos combatê-la. Portanto, levantem-se e não fiquem mais em silêncio! (2020, p.24/25)

Apesar de todo ganho pessoal, comunitário e organizativo que esse processo provocou, vimos apenas uma única vez ser nomeada, no prefácio, a questão da sexualidade entre essas mulheres que se reuniram em torno de Audre Lorde. Também não observamos um posicionamento de classe claro. Como nos alertou em seu texto, Sullivan aborda a relação entre raça, gênero e sexualidade a partir do recorte racial e nos alerta sobre as limitações advindas de uma aderência maior a determinada causa ou a simplificação ou redução da análise, a partir de um único marcador social. Ela analisa o contexto norte-americano e as diferentes filiações e adesões a um desses marcadores segundo posicionamento ou inserções políticas, sociais e ideológicas.

No caso alemão, supomos que, sobretudo neste momento, a questão racial se sobreponha à de gênero ou de sexualidade. O que obriga a análise ser mais refinada porque a sociedade alemã e especialmente em Berlim, de forma dúbia ou não, sempre teve mais diálogo com as diferentes formas de sexualidade ou performances de gênero. Há aqui uma série de considerações a serem feitas, como o isolamento socioespacial dessas mulheres, a solidão afetiva, a questão dos casais interracialis e de fato, a ausência ou a pouca presença de homens negros nesses relatos de vida. Sullivan trata mais de performativa homossexual masculina e aqui, o que temos em consideração, é uma maioria discreta de mulheres lésbicas, que parece, não querer realçar sua sexualidade nesse processo de auto empoderamento. Ou isto poderia estar presente em seus encontros, convívios sociais, mas ausente dos relatos aqui no livro realizados. Segundo Sullivan

But, as Gloria Anzaldua claims in her critique of the additive model of identity and oppression, 'Identity is not a bunch of little cubby holes stuffed respectively with intellect, sex, race, class, vocation, gender. Identity flows between, over, aspects of a person. Identity is a... process' (1991:252-3). Idem, 2007, p.71.

Nesse processo, seguindo a argumentação da autora, as leituras de pertencimento na sociedade alemã e o atravessamento de diferentes marcadores sociais, levam-nos a considerar a branquitude e um certo "excepcionalismo alemão" nesse sentido. Dentro da retórica histórica e nacionalista alemã, legitimada por um cientificismo racista de base altamente hierarquizada, os alemães enquanto povo, seriam os "brancos dos brancos"; ou seja, estariam no topo de uma certa pirâmide racial, onde outros povos europeus, ou seja, brancos, são tidos como inferiores (os eslavos) ou de segunda classe (os europeus do sul: gregos, italianos, espanhóis e portugueses). Eles seriam modernamente falando, os "escolhidos" e essa retórica mítica tem muito de um conservadorismo prussiano

patriarcal, puritano, operando em conjunto com mitologias nórdicas de religião e pureza étnica. O que nos leva a essa outra referência de Sullivan:

Thus, what is important about Gopinath's contribution to this particular field of critical enquiry is that her articulation of a queer diasporic imaginary undermines hegemonic heteronormative constructions of nation and diaspora, by performatively evoking the spectral figure of the 'impossible subject'; that is, the subject who is necessarily excluded from - but is nevertheless internal to - and whose appearance thus destabilizes, these monologic discourses. Idem, 2007, p. 75.

A institucionalização do poder e do saber na Alemanha foram feitos de modo a referendar a narrativa hegemônica sobre as ideias de nação, povo e cultura. A pretensa homogeneidade étnica e linguística alemã serve de pano de fundo, para as classificações e aceitação/recusa do outro nesta sociedade. Deste modo "Ausländer"¹⁶ tem um significado racializado e isto reverbera na relação com os imigrantes e outros povos. Como tal, ser alemão e ser negro parecem ser condições excludentes. A ideia de corpo e a construção da noção de corporeidade na Alemanha, exclui os atributos físicos da negritude. Ser alto, louro e de olhos azuis erige-se como métrica de pertencimento e identidade social. Assim sendo o corpo negro desestabiliza o "corpo-território" da nação alemã, põe em questão os atributos físicos da germanidade tomada como um todo coerente e indistinto (ARGHAVAN, HIRSCHFELDER, KOPP e MOTYL, 2019).

Portanto, para finalizar, o livro *Farbe Bekennen*, fazendo uma alusão a ideia de caleidoscópio¹⁷, é um cronotopos que emite feixes de cores que buscam iluminar a branquitude alemã. Mas é um cronotopos que se desdobra em temporalidades várias. Como afirma Leda M. Martins "a cultura negra é o lugar das encruzilhadas" e assim

Da esfera do rito e, portanto, da performance, a encruzilhada é lugar radial de centramento e descentramento, interseções e desvios, fusões e rupturas, multiplicidade e convergência, unidade e pluralidade, origem e disseminação. Operadora de linguagens e de discursos, a encruzilhada como um lugar terceiro é geratriz de produção sógnica diversificada e, portanto, de sentidos plurais. Nessa concepção de encruzilhada discursiva destaca-se, ainda a natureza cinética e deslizante dessa instância enunciativa e dos saberes ali instituídos (MARTINS, 1997, p.23-24).

Gostaríamos de agradecer à CAPES pela bolsa de doutorado, ao diálogo com nossa orientadora, professora Érica Schlude Wels e às discussões realizadas no âmbito do grupo de pesquisa GEPELAB/CNPQ, ao qual pertencemos.

¹⁶ estrangeiro

¹⁷ Goethe foi um grande estudioso das cores e inclusive publicou um livro sobre o assunto.

Referências:

ARGHAVAN, Mahmoud et al. **Who Can Speak and Who Is Heard/Hurt? Facing Problems of Race, Racism, and Ethnic Diversity in the Humanities in Germany**. Bielefeld: Transcript Verlag, 2019.

AYIM, May; OGUNTOYE, Katharina; SCHULTZ, Dagmar. **Farbe bekennen: Afro-deutsche Frauen auf den Spuren ihrer Geschichte**. Berlin: Orlanda Buchverlag, 2020.

BAKHTIN, M. **Questões de literatura e estética – a teoria do romance**. São Paulo: Unesp, 1998.

BENEDICT, Anderson. **Comunidades Imaginadas**. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.

BERNARDINO-COSTA Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. **Decolonialidade e Pensamento Afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

BLOMMAERT, Jan; DE FINA, Anna. Chronotopic identities: on the timespace organization of who we are. In De Finna, A.; Wenger, J. and Ikizoglu, D. (eds.) **Diversity and super-diversity. Sociocultural and Linguistic Perspectives**. Georgetown University Press, pp. 1-15, 2017.

Dossier Schwarze Community in Deutschland, Boell Stiftung. Disponível em <https://heimatkunde.boell.de/dossier-schwarze-community-deutschland>.

GEIER, Andrea Geier. **Crítica ao Cânone sob uma Perspectiva Pós-Colonial, A África Escura**, Goethe.de. Disponível em <https://www.goethe.de/prj/lat/pt/dis/21784873.html>.

HAESBAERT, Rogério. Do Corpo-Território ao Território-Corpo (da Terra): Contribuições Decoloniais. **GEOgraphia**, Niterói, vol: 22, n.48, p. 76-89, 2020.

HANCHARD, Michael. Black memory versus State memory: notes toward a method. **Small Axe** (2008) 12 (2): 45–62, 2008.

HOBSBAWM, Eric. **A Era dos Extremos**. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

KRON, Stefanie. **Afrikanische Diaspora und Literatur Schwarzer Frauen in Deutschland**, 2009. Boell Stiftung. Disponível em <https://heimatkunde.boell.de/de/2009/02/18/afrikanische-diaspora-und-literatur-schwarzer-frauen-deutschland>.

LORDE, Audre. **Irma Outsider**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da Memória. O Reinado do Rosário no Jatobá**. São Paulo: Editora perspectiva, 1997.

_____, Performances do Tempo Espiral In RAVETTI, Graciela e ARBEX, Marcia.(eds) **Performances, Exílios, Fronteiras. Errâncias territoriais e Textuais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG. p. 69-90, 2003.

MOITA LOPES, L. P. Os espaçoTempos da narratina como construto teórico-metodológico na investigação em linguística aplicada. **CADERNO DE LETRAS**

(UFPEL), Pelotas, v. 40, p. 11-33, 2021.

_____ e FABRÍCIO, Branca F. Por uma “Proximidade Crítica” nos Estudos em Linguística Aplicada In **Revista Caleidoscópio**, 17(4), p. 711-723, 2019.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço, Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Edusp, 1994.

SULLIVAN, N. *A critical introduction to queer theory*. Nova York: New York University Press, 2003.

Recebido em: 24/01/2023

Aprovado em: 26/03/2023